

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasília Class.: Kaiapó / Raoni
Data: 31/01/86 Pg.: 380

Ana Maria Tavares

4468

Agora, é aguardar os resultados da pajelança

No início de janeiro a notícia de que o naturalista Augusto Ruschi, a maior autoridade mundial em beija-flores, estava morrendo — vitimado por uma estranha doença — que ele atribui ao veneno de um sapo que coletou em uma das muitas viagens pelo País — comoveu o Brasil e as autoridades. Ruschi, um defensor da natureza, que passou a maior parte dos seus 70 anos embrenhado em florestas à procura de beija-flores (sua grande paixão e maior especialidade) e orquídeas, aparentemente fora traído pela aparência multicolorida do sapo dendrobata, durante uma expedição à Serra do Navio, no Território do Amapá, feita há dez anos.

De lá para cá, o naturalista vem sofrendo de hemorragias nasais, febres contínuas e dores pelo corpo que não lhe permitem dormir mais do que cerca de duas horas por noite. Comovido por uma crônica do poeta Afonso Romano de Sant'Anna pedindo ajuda para Ruschi, o próprio Sarney decidiu que tudo faria para que o especialista tivesse a saúde recuperada. As providências foram tomadas e o cacique Raoni dispôs-se a aplicar a medicina indígena, dizendo que sonhara com o professor Ruschi rodeado por sapos dentro de uma lagoa.

A **pajelança** — ritual de cura em que são utilizadas ervas medicinais — começou numa quarta-feira, dia 22, reunindo o cacique Raoni e o pajé Sapaim, numa cerimônia em que a imprensa não teve acesso. Mas um velho amigo de Ruschi relatou um pouco do que viu: o professor deitado sobre a cama e os dois índios, fumando cigarros longos feitos com folhas de *petyn*, exalando a fumaça sobre o corpo do doente. Depois começaram a massagear Ruschi com plantas trazidas especialmente da Amazônia. Lentamente foi-se desprendendo uma gosma, primeiro branca e depois esverdeada, que os índios afirmam ser o veneno do sapo.

No dia seguinte, Ruschi, bem-humorado e com melhor aspecto, dizia-se revigorado, contando que as hemorragias haviam desaparecido. Raoni e Sapaim começaram uma segunda sessão do ritual, que já atraiu mais de 50 jornalistas do Brasil e do exterior. Com cânticos e ervas, deram prosseguimento à

cura, que deveria retirar todo o veneno do sapo. No sábado, deram por encerrado o trabalho, aconselhando ao cientista que fizesse mais quatro dias de banhos com uma raiz denominada **atokoron**.

Todo o ritual da **pajelança** chamou a atenção de leigos e especialistas, entre os quais alguns médicos, indignados com o fato de o professor Ruschi, um cientista, ter-se submetido de bom grado ao tratamento indígena. O neurologista Carlos Bacelar, por exemplo, classificou os métodos dos pajés de "curandeirismo" que, com o aval do presidente da República, só servem para "desmoralizar a medicina". O médico prometeu que, se Ruschi for curado, colocará "um prato no beijo como o Raoni". Para o coordenador do Centro de Informações Toxicológicas do Rio de Janeiro, da Fundação Oswaldo Cruz, o médico Flávio de Martino, os sintomas do naturalista não devem ser atribuídos ao veneno do sapo dendrobata, mas à cirrose hepática causada pelos medicamentos usados no combate às malárias que acometeram o cientista.

O fato é que existem mais de 50 espécies de sapos dendrobata, cujo veneno é mais poderoso que o cianureto e a cura é completamente desconhecida pelo homem branco. "Curandeirismo" ou não, os índios, habitantes milenares das matas brasileiras, conhecem muito mais sobre os animais e plantas com que convivem do que qualquer estudioso. O fato de o professor Ruschi ter aceito de bom grado o tratamento também não deveria surpreender, já que está habituado ao convívio com a natureza e o ritual, utiliza apenas ervas e plantas.

Ruschi diz estar-se sentindo cada vez melhor, o que deve reacender a polêmica em torno da validade científica da **pajelança**. Discussões à parte, a verdade é que não se poderia deixar que um dos mais brilhantes estudiosos e lutadores em favor da ecologia, que chegou a defender com uma espingarda a Reserva Florestal de Santa Luzia, no Espírito Santo, sua terra natal, morresse lentamente. Agora é aguardar os resultados. Se forem positivos, teremos provavelmente o primeiro médico usando um "prato no beijo", como ele mesmo definiu. (A. E.)